O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

ANO 35.º N.º 1763
Sábado, 19 de Dezembro de 1942

VISADO PELA CENSURA

Civilização Peninsular

Em meio de dificuldades e obstáculos e tragédias de tôda a ordem que a guerra avassaladoramente vem multiplicando pelo mundo — Portugal e Espanha têm sabido manter na Península um clima de tranqüilidade e de trabalho ordeiro que, sendo uma fôrça no presente, há-de ser uma das fôrças da paz.

Não corresponde esta realidade a artificialismos acidentais, mas sim — e por isso a sua solidez — a qualquer coisa de profundo e essencial na alma das duas nações: a uma identidade de espírito e de civilização. A civilização peninsular, obra comum em que Espanha e Portugal intervieram com as características particulares dos seus génios nacionais, corresponde com efeito a um esfôrço secular de colaboração.

O tratado de amizade com a Espanha — o primeiro que o Govêrno do Generalíssimo assinou com uma nação estranjeira depois de terminada a guerra civil que venceu contra a desordem — foi negociado e concluido pelo conde de Jordana (então, como actualmente, ministro dos estranjeiros do país vizinho) e por Salazar (na sua qualidade de ministro dos negócios estranjeiros de Portugal), na seqüência de uma longa tradição de amizade e de convergência de intenções e interêsses. As suas raízes históricas foram, mais uma vez, regadas com o sangue vertido por espanhoís e portugueses, lado a lado, na defesa da cristandade contra as arremetidas dos bárbaros do Oriente; realizações de vulto — no campo espiritual, nos sectores da cultura, na actividade económica — têm cimentado êsse pacto e hão-de erguer cada vez mais alto o valor da política peninsular, a presença da Península no mundo que esta guerra está a forjar entre lágrimas e sangue.

P.

O TEMPO

Com a lua nova surgiram os primeiros temporais. Chuvas copiosas e vento desabrido. Ouviu-se, também, o ribombar do trovão.

Estamos chegados ao Inverno. Preparemo-nos para o enfrentar e sofrer-lhe o pêso e as conseqüências...

Já que não temos azas, como as andorinhas, que nos levem aos climas quentes...

Correios e Telégrafos

Chegou a vez à progressiva vila de S. João da Madeira de ser dotada com um edifício para os serviços telégrafo-postais e telefónicos. Exteriormente, não gostamos do aspecto. O sistema dos postigos a impedir a entrada da luz e do ar...

Valha-nos Nossa Senhora! Mas se é modernismo e nós somos botas de elástico...

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Johan Voetelink em Aveiro

Prestando homenagem a João Grave na vila de Vagos

A nossa terra recebeu, no sábado passado, a honrosa visita dum estrangeiro simpático e distinto — o consul honorário de Portugal em Amsterdão, que, desejando prestar uma homenagem ao falecido escritor João Grave, a Vagos se dirigiu para depôr junto do busto que ornamenta a biblioteca do seu nome, uma formosissíma corôa de flores confeccionada no Pôrto.

O sr. Johan Voetelink, que é natural da Holanda, passando por Berlim, trouxe lembranças do nosso ilustre conterrâneo dr. Mário Duarte, e por isso teve na *gare* do caminho de ferro, à chegada do combóio das 15,35 horas, vindo do norte, afectuoso acolhimento por parte de algumas pessoas de representação.

Entre estas encontrava-se o sr. dr. Martins Lavajo, presidente da Câmara de Vagos, para o acompanhar àquela vila a-fim-de cumprir a missão prèviamente anunciada. A cerimónia lá foi rápida, quási veloz. Aguardado pelo funcionalismo, bombeiros, representantes dos clubs, Banda Vaguense, juntas de freguesia e muito povo, subiu à sala das sessões da Câmara onde o sr. dr. Lavajo proferiu o seguinte discurso:

«Sr. Johan Voetelink:

Em cumprimento dum dever de gratidão e em nome dos amigos da Biblioteca João Grave, tenho a subida honra de apresentar os nossos cumprimentos de boas-vindas a quem vem de tão longe tributar homenagem, assás merecida, a João Grave, filho dilecto desta terra, que tanto enobreceu ilustrando a nossa literatura com os numerosos livros, que legou à posteridade.

Como presidente desta Câmara, entendi que a cultura do povo me deveria merecer alguma atenção e carinho e, por tal motivo, a Câmara da minha presidência, criou uma Biblioteca popular que dedicou ao ilustre vaguense João Grave, como preito de homenagem ao seu carácter individual e às suas qualidades de escritor. Creio que as verbas gastas na fundação e organização da Biblioteca, não serão desperdiçadas, porque com a criação da Biblioteca acende-se um foco de luz, que há-de irradiar claridade, que há-de iluminar o espírito das pessoas que a freqüentarem nas horas vagas das suas árduas ocupações.

V. Ex.ª vem precedido de agradável fama de ser um estrangeiro muito amigo de Portugal e que acompanha, a par e passo, tôda a evolução do nosso país, alegrando-se com a nossa alegria e entristecendo-se com qualquer revez, que ensombre o nosso horizonte. E, na verdade assim é, porque contra factos concretos não há argumentos que os destruam, como acontece no caso presente.

V. Ex.ª tem vivido na Holanda, muito afastado de nós, mas nem por isso deixa de ler os nossos jornais e de anotar, no seu espírito os acontecimentos culturais mais insignificantes, que se vão desenrolando no torrão pátrio. Nem a distância, nem os grandes acontecimentos mundiais, que prendem a atenção da humanidade, distraiem a atenção de V. Ex.ª, não lhe passando despercebido a inauguração desta Biblioteca, um facto trivial, ocorrido numa das mais pequenas vilas do país, apressando-se V. Ex.ª, a enviar-nos os parabens na sua presada carta de 4 de Julho de 1942, que se encontra nos arquivos desta Biblioteca, na qual promete

OHAN VOETELINK

vir a Vagos depositar no medalhão de Grave, um ramo de flores.

Desculpe-me V. Ex.ª nunca acreditei, no cumprimento desta promessa e, disse para com os meus botões, que embora tal promessa fôsse feita no ânimo de ser cumprida, V. Ex.ª desistiria de tal intento ao começar os preparativos da viagem pelas dificuldades e contrariedades que tinha de vencer, que o impossibilitariam de a cumprir, o que felizmente não aconteceu, porque o temperamento dos homens do norte é mais tenaz e persistente, na execução do cumprimento de qualquer promessa, do que o temperamento da raça latina, nomeadamente os ocidentais e por isso, tenho de constatar que V. Ex.ª e a gente da sua terra, não desistem de qualquer emprêsa ao aparecerem-lhe as primeiras dificuldades, pelo que lhes dou os meus sinceros parabens.

O espírito prespicaz de V. Ex.ª já deve ter notado que Vagos é uma terra pobre, como o atestam as casas que formam o aglomerado da Vila e é também pobre de elementos cultos e tanto pela pobreza material, como pela falta de elementos de cultura, não posso proporcionar a V. Ex.ª, como era nosso desejo, uma recepção condigna, não só pelas qualidades morais, pessoais e intelectuais que V. Ex.ª possue, mas também pelo enorme sacrifício que fêz, em nos fazer esta visita, que tanto nos honra e distingue.

Sirva-se, pois, V. Ex.ª aceitar os protestos do nosso sincero reconhecimento e sentida gratidão, pela honra que nos confere.»

A êste discurso respondeu o sr. Johan Voetelink, já na Biblioteca de João Grave e próximo do busto do insigne vaguense, dizendo do seu sentimento ao depôr a corôa de que era portador e da qual pendia uma fita com as côres da bandeira nacional holandesa, tendo a seguinte legenda:

Homenagem à memória do grande autor João Grave — O seu admirador holandês Johan Voetelink.

Teve palavras de reconhecimento pelo carinho com que fôra recebido e despediu-se, frisando que embora as flores desaparecessem com o tempo, a sua saüdade só desapareceria com a morte.

Ao retirar, o sr. Duarte Vidal, digno secretário da Câmara, ofereceu ao simpático visitante algumas fotografias com aspectos de Vagos.

* * *

De volta a Aveiro, já com a iluminação pública acêsa, o que bastante impressionou o sr. Johan Voetelink pela profusão de luz espalhada nas ruas e largos, tiveram logar três visitas: a primeira ao *Club Mário Duarte*, onde fêz as honras da casa o seu director, sr. dr. Ferreira Neves; a segunda ao *Sport Club Beira-Mar*, em que, surprêso diante da vitrine que encerra os trofeus ganhos, principalmente em provas de natação, exclamou: — até parece a montra da joalharia Reis; e a terceira e última ao *Club dos Galitos*, onde a demora se prolongou mais por ter havido troca de cumprimentos entre o sr. dr. Desembargador Melo Freitas e o grande amigo de Portugal, que, antes de retirar, escreveu no livro dos visitantes estas linhas:

Agradecendo a amável recepção e felicitando o Club pelo êxito obtido no Campeonato Ibérico, faço os melhores votos pelo seu brilhante futuro e pela felicidade dos seus membros.

Portugal, em geral, tem ainda outra vitória: o saber ganhar o campeonato da simpalia, consideração e amizade do mundo civilizado.

Portugal, palavra dôce,
Palavra cheia de Amor,
Que mais inspira, como se fôsse
O perfume duma flôr.

Johan Voetelink, que é professor erúdito e poliglota admirável, jantou, depois, no Pavilhão do Parque, rodeado pelos srs. dr. Martins Lavajo, desembargador Melo Freitas, dr. Grecke Torres, representante do chefe do distrito, dr. Ferreira Neves, professor do Liceu e representante do *Club Mário Duarte*, António Vidal e dr. Frederico de Moura, ambos de Vagos, coronel Gaspar Ferreira, presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra, dr. Artur Cunha, vice-presidente da Câmara, capitão de mar e guerra Rocha e Cunha, Eduardo Cerqueira, representante do *Sport Club Beira-Mar* e Arnaldo Ribeiro.

A *ementa*, em que entraram vários pratos regionais preparados no restaurante *Gato Preto*, não desmereceu, brindando, ao champanhe, os srs. dr. Melo Freitas, que ofereceu a Johan Voelelink uma miniatuaa do barco moliceiro em nome dos três clubes representados, dr. Martins Lavajo, dr. Grecke Torres e dr. Artur Cunha.

O homenageado, que escreve e fala correctamente o português, teve, por último, palavras de reconhecimento pela maneira como fôra recebido e tratado desde á sua chegada e mostrando-se extremamente grato deante das muitas gentilezas recebidas, afirmou que Portugal, além de ter feito muitas descobertas, também descobriu o caminho para o seu coração.

Estava terminado o repasto. Mário Duarte é, então, lembrado num brinde especial que abrange sua esposa e filho por haver proporcionado aos seus conterrâneos o prazer espiritual dum convívio tão agradável, como foram as curtas horas passadas na companhia de Johan Voetelink, que, não podendo dispôr de mais tempo, retirou para o Porto no comboio das 20,40 horas, deixando imensas saüdades.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal — AVEIRO.

ESTUDOS REGIONAIS

História da terra aveirense

Geologia do Quaternário

pelo dr. Alberto Souto

XII

É talvez no Neogeno (Terciário), diz Leuba, que se deve colocar o momento em que os Primatas hominianos que são próprios da Era Quaternária, começam a diferenciar-se dos outros Primatas. E acrescenta: as afinidades que os grandes Antropoides actuais parentes do Homem têm com êste, por um lado, e com os outros Primatas por outro lado, confirmam simplesmente a hipotese de que todos os Primatas são ramos do mesmo núcleo comum.

Entre os Primatas fósseis torna-se notável o *Pithecanthropus*, reconstituido pelo médico holandês Eugénio Dubois que em 1890 e 1891 procedeu a grandes pesquizas e escavações nas camadas consideradas terciárias de Trinil, na ilha de Java, na Oceania, onde encontrou dentes, uma caixa craneana e um femur pertencentes a um primata com grandes propensões hominianas.

A capacidade do crâneo era de uns 850 centímetros cúbicos, o que colocava o ser a que pertenceriam êsses restos entre os grandes macacos antropoides, de 600 a 650 centímetros cúbicos de capacidade cerebral, e os homens inferiores, de cérebro superior a 1.000 centímetros cúbicos. Os dentes prémolares e os dois últimos molares eram mais pitecoides ou simiescos que os dentes humanos, aproximando-se dos do orangotango. Pelo comprimento do femur, que media 45 centímetros e meio e se assemelhava muito ao femur humano, verificou-se que a altura do ser a que pertencera, deveria oscilar entre 1,m65 e 1,m70. Esse femur indica que a marcha se fazia de pé; por tal se chamou ao primata fóssil assim descoberto o *Pithecanthropus-erectus*. A sua região frontal era pouco desevolvida, com testa fugidia. A face interna da calote craneana mostrava que o cérebro teria tido circunvoluções menos simples que as dos Gibões e já comparáveis às do Homem do tipo de Néandertal. O Pitecantropo é, pois, um tipo sintético que justapõe caracteres de Antropoide a traços humanos, diz Joleaud. Entrevisto, a princípio, e precepitadamente, como nosso antepassado directo, êle foi, em seguida, tomado como um ramo lateral dos Hominianos, intercalando-se morfològicamente na série dos Primatas entre os Antropoides e os Homens.

A descoberta de Dubois suscitou largas discussões antropológicas, tendo o eminente professor Boule considerado os restos fósseis como pentencendo a um Gibão gigantesco que, por convergência, teria adquirido caracteres de aparência humana. O ilustre director do Instituto de Paleontologia Humana de Paris confessou recentemente ter perdido a simpatia por essa teoria da convergência. Turner, Topinard, Manouvrier, no entanto, puzeram em destaque a grande semelhança de facies que existe entre o Primata de Java e o Homem. Infelizmente a fauna e a flora fósseis que acompanhavam os restos do Pitecantropo, por serem muito especiais, podendo atribuir-se parte ao Post-plioceno antigo, outra parte, ainda, ao Vilafranquiano, Plioceno, não permitiram determinar com certeza se se trata de terreno nitidamente terciário ou se êsse terreno corresponde ao Quaternário europeu.

Nas proximidades de Pekim, porém, apareceu posteriormente, em 1927, uma forma fóssil muito chegada ao Pitecantropo e incontestàvelmente classificável entre os Hominianos, o que é um novo argumento a favor da hominização do Pitecantropo: essa forma recebeu o nome de *Sinanthropus pequinensis*. Em 1828 e 1839 o dr. Pei fez novas descobertas nos terrenos de Chou-Kou-Tien que vieram consolidar e comprovar a classificação do primitivo achado que parece ser mais recente que o de Java, devendo datar-se do Quaternário médio.

O conjunto do crâneo do Primata de Pequim, conclui Joleaud, é nitidamente humano, enquanto que a mandibula é chimpazeoide, fazendo-se notar pela falta da saliência do mento. Por êstes e outros caracteres, o crâneo do *Sinantropo* revela-se como um estado de forma preneandertaloide dos Hominianos, como o conhecido crâneo de Neandertal documenta um estado morfológico intermediário entre o dos Antropoides e o dos Homens.

Pela espessura da matéria óssea, *Sinantropo* aproxima-se do *Eoantropo*

Demora injustificável

Quantas vezes será preciso chamar a atenção para o que se está passando na Rua de Viana do Castelo quando chove?

Por deficiência de escoamento, as águas avolumam-se naquele ponto, galgam o passeio, invadem os estabelecimentos e não têm feito já pequenos prejuizos.

Pode isto continuar? Os lesados queixam-se e com razão. Pois bem: o *Democrata*, dentro da sua missão, lembra mais uma vez — visto não ser a primeira — a conveniência de evitar que o caso se repita.

Á memória do dr. José Rodrigues

O mau tempo impediu que o Club Recreativo de Coimbra efectuasse a romagem à campa do saüdoso médico e grande filantropo, que na cidade universitária tanto se distinguiu pelos seus méritos, deixando o nome ligado a várias iniciativas de relêvo no campo social. De aí o ter ficado reduzido à sessão solene e ao sarau o programa prèviamente elaborado, mas que nem por isso deixou de ser exaltada, como merecia, a memória do que, se viveu para fazer bem, há-de ser lembrado sempre pelas suas altas qualidades no meio onde mais se distinguiu.

O Democrata, devido à visita do sr. Johan Voetelink não permitir que se deslocasse de Aveiro o seu director, fez-se representar pelo sr. Arnaldo Alves dos Santos.

AS RUAS DA CIDADE

Estão tôdas escalavradas, com os *ossos* à mostra.

Um verdadeiro flagêlo para quem sofre dos calos...

Quem providencia?

Não se encontrando à venda petróleo, nem velas, nem azeite, como se hão-de alumiar os habitantes das casas sem electricidade? — eis uma pregunta que anda de boca em boca e nós reproduzimos por a acharmos oportuna.

È tão triste viver nas trevas!

IMPRENSA

A Aurora do Lima

Completou na terça-feira 87 anos de existência o bi-semanário de Viana do Castelo que tem o título da epígrafe e é dirigido e redigido pelo nosso velho amigo daquela cidade, Bernardo Silva.

Jornal de tradições honrosas, é com muita satisfação que o felicitamos, associando-nos ao júbilo que o aniversário de *A Aurora* causa sempre a quem, como Bernardo Silva, faz os possíveis por lhe manter os antigos créditos.

Notícias de Viana

Também acaba de entrar no 16.º ano êste colega da direcção do sr. dr. João da Rocha Páris, no qual os princípios orientadores do Estado Novo e as doutrinas sociais e políticas da Revolucão Nacional são postas em relêvo tôdas as semanas.

As nossas felicitações.

O Mundo Português

O n.º 107, correependente a Novembro, chegou-nos esta semana com variada colaboração sôbre as nossas colónias.

Recomendamo-lo a quantos desejem conhecer algo da sua história.

que em 1912 Dawson descobrira em Uckfield, descoberta confirmada pelos achados de 1917 em Piltdown, na Inglaterra, em terrenos do Pleistoceno médio — Tirreniano, cuja base, sendo posterior ao máximo da extensão dos glaciares das Ilhas Britânicas, corresponde à fase interglaciar das areias de Mauer (Helveciano) da Alemanha onde foi encontrada a célebre mandíbula do chamado *Homem de Heidelberg* ou *Homem de Mauer*, considerado o homem fóssil mais antigo da Europa.

O crâneo do *Eoantropo* é essencialmente humano, mas os ossos extraordinàriamente grossos, as arcadas superciliares salientes, a região ocipital larga e deprimida, o mento retraído e a configuração dos dentes caninos dão ao Primata de Piltedown um aspecto simiesco que lembra o do chimpanzé.

A mistura de peças ósseas de carácter humano com outras de aspecto simiesco, levantou grande controvérsia científica, havendo antropologistas como Boule que atribuiram os restos fósseis de Piltedown a um chimpanzé e outros que julgaram tratar-se de duas formas diversas, uma simiesca outra hominiana. As descobertas posteriores, principalmente as da China, demonstrando semelhanças entre formas geogràficamente tão afastadas, fazem inclinar as opiniões para o lado dos que, como Woodward, atribuiam a um Hominiano arcaico os ossos fósseis de Inglaterra.

Conclui-se, que, de uma maneira constante, como diz ainda Joleaud, (em que muito me apoio nesta exposição pela sua autoridade e pela lucidez das suas sínteses) desde a Inglaterra até à China os *Paleohominianos* aparecem-nos como tipos sintéticos e esta conclusão aplica-se igualmente ao Pitecantropo cuja calote simiana foi, por vezes, oposta ao femur humano.

O número já notável de indivíduos conhecidos do grupo dos Paleohominianos e a sua larga dispersão geográfica não permitem mais considerar êstes seres como casos especiais e patológicos, hipotese que fôra proposta por alguns paleontologistas.

Sôbre o *Australopithecus* de Taungs, na África do Sul, descoberto ou estabelecido em 1925 pelo professor Dart da Universidade de Joanesburgo, o sr. Dr. Mendes Corrêa opiniou tratar-se de um antropoide com algumas feições ou tendências evolutivas humanoides.

Em 1935, levando em conta os caracteres bem explícitos dos fósseis da China de 1927 e 28, porém, o ilustre antropologo português punha francamente em relêvo o valor das descobertas de Java e de Chou-Ku-Tien como argumentos em favor da origem animal do corpo humano, teoria que, aliás, sempre professara, embora mantendo escrupulosa reserva que a um homem das suas responsabilidades científicas impunha a prudência perante restos fósseis até aí deficientes e insuficientes.

Quem tomou nota das apaixonadas discussões que à volta desta grande questão se travaram no final do seculo XIX e nos princípios dêste seculo, avaliará da importância que para a ciência têm tido as descobertas dos fósseis humanos dos últimos tempos entre as quais sobressaem as de Java, da Africa do Sul, da Inglaterra e da China, a que, resumidamente, acabo de me referir.

Casa Souto Ratola

— o —

Depois das obras que transformaram o interior e a fachada dêste estabelecimento da Rua Viana-do-Castelo, o seu aspecto modernista honra agora aquela concorrida artéria da cidade, motivo por que felicitamos o nosso amigo Carlos Souto, por ter igualmente contribuido para e seu embelezamento.

Na *Casa Souto Ratola* encontra-se em exposição uma grande *Arvore do Natal*, pejada de brinquedos, que a petisada não se cansa de admirar e que se adquirem aos melhores preços do mercado.

Livros

Eu fui um criminoso!

É o título duma novela de Casimiro Marques, há dias recebida dos depositários — *Edições Sirius* — cuja oferta agradecemos.

Pelo visto, o autor teve os seus precalços, os seus revezes amorosos. Acontece a muito boa gente nas passagens desta vida...

Ou não houvesse mulheres que de tudo são capazes...

De justiça

Passando no dia 26 de Janeiro o centenário do nascimento de Rosa Araújo, a quem Lisboa deve a abertura da Avenida da Liberdade, propõe-se o município daquela cidade solenizá-lo com uma exposição da sua actividade camarária, o que é aplaudido sem descrepância. Porém, diz um colaborador do nosso colega *Diário Popular*, a melhor consagração seria tirar o seu busto, que se encontra como que arrumado a um canto, escondido da sua grande obra, e colocá-lo em sítio onde tôda a gente pudesse admirá-lo já que tem o prazer de passear uma das melhores avenidas da Europa, obra dêsse pasteleiro cujo nome passou à posteridade como um dos mais arrojados e inteligentes édis.

Também somos dessa opinião, como já o manifestámos nas colunas dêste jornal.

Rosa Araújo merece que o seu busto seja visível na Avenida da Liberdade.

Deve ser lá o seu lugar.

Benemerência

Damos hoje a relação dos pobres contemplados, em partes iguais, com os 200$00 que nos foram enviados para comemorar o 3.º aniversário da morte do saüdoso Mário Duarte.

Eis os seus nomes:

Pedro de Sousa, Rua de Santo António; Maria do Ginásio, R. dos Tavares; Angelina Galega, R. da Fonte Nova; Maria José de Lemos, R. das Olarias; Margarida de Matos, R. da Sé; Maria da Rosa Lima, R. do Norte; Aurea de Lemos, R. de Sá; Maria da Luz Pinho, idem, Zulmira Ramusga, idem; Maria dos Anjos Cunha, R. do Gravito; Carolina Pádua, R. do Vento; Manuel Ferreira, R. da Corredoura; Margarida Raposo, idem; Ernestina Chichaia, R. das Salineiras; Conceição Tainha, R. da Grenja; Luisa Peixinho, idem; Maria da Luz Martins, R. dos Santos Mártires; Adelaide Vilaça, R. de S. Martinho; António de Pinho das Neves, R. de S. Roque e uma envergonhada.

Um perigo

Há ano e meio que nas proximidades do passo do nível de Esgueira perdeu a vida uma menina em conseqüência do choque sofrido ao pretender afastar um fio telefónico que se desprendera do respectivo poste. Dizem-nos agora que êste precisa substituïção. Nem é tarde nem é cedo. Aqui estamos para pedir as necessárias providências.

O maior jornal do mundo...

O jornal *Stars and Stripes*, título alusivo às estrêlas e às barras da bandeira americana, é o jornal oficial das fôrças americanas na Grã-Bretanha e passou a publicar-se todos os dias, sendo impresso nas oficinas do *Times*, de Londres. O *Times* é, como tôda a gente sabe, o mais famoso jornal do império britânico e o mais lido do mundo. Foi fundado em 1785 e apareceu com o título que podemos traduzir como *Diário Universal*, tendo, porém, três anos depois, passado a usar o nome que ainda hoje conserva. Conta, portanto, 157 anos e vai seguindo.

Sem fraquejar...

Cartas a uma amiga de longe

Dezembro, 1942

Minha querida:

Sempre que posso protestar contra êste *comodismo antipático* de não trazerem à cidade uma companhia de teatro, não me faço rogada. Bem sabes quanto sou refilona... No último número dêste jornal vinha uma pequena queixa a êsse respeito e que encontrou logo eco em mim.

A-pezar-de Aveiro ser uma cidade onde se faz teatro e onde há tantos artistas amadores, já lançados e conhecidos em várias plateias e até nas da capital, o público aveirense gosta de apreciar, de vez em quando, os artistas de fóra... Se os actores da terra levam anos a ensaiar e a pôr em cêna as suas peças, não é justo que durante êsse *interregno* nos privem, em absoluto, de assistirmos a representações teatrais de *portas a dentro*. Sim, filha... Se queremos ver teatro, temos de saír da cidade e ir ao Pôrto ou a Lisboa. E como nesta altura a economia está na ordem do dia e quási estão proibidas as deslocações, pelas *autênticas tragédias* a que algumas vezes dão origem, para aqui estamos nós, alheios às boas peças e esquecidos dos bons actores!

Temos o cinema ao domingo e quinta-feira como qualquer vilória e vá com sorte... A's vezes penso, até, no fim dum serão que não teve nada que se aproveitasse—como sabes as fitas nem sempre são boas nem bem escolhidas—se imaginarão que nem isso merecemos, nós, o público da terra...

Aqui há tempos li um artigo sôbre teatro. Queixava-se quem o escreveu da pobreza que alastra pela camada que faz dêle seu *métier* e dizia, por fim, que tinha a dúvida desolante de que o teatro viria a ser, num futuro bastante próximo, uma arte-do-passado. Para a maior parte dos aveirenses já assim se lhe pode chamar, não achas? Arte-do-passado!...

E numa altura destas, em que por todos os meios se deve incutir à mocidade nacionalismo e patriotismo, acho até uma falta lamentável não conseguirem tirar uma noite às plateias de Lisboa e Pôrto a insigne actriz Palmira Bastos, que é considerada, no seu meio, uma glória nacional. Uma grande parte do nosso público não a conhece!... Mas há mais *glórias* e astros de primeira grandeza, que aqui não vêm quási desde que nós viemos ao mundo... Mas todos conhecemos a Greta Garbo, a Marlene e tôda essa pleiade de artistas, boas e más, do cinema!

Isto é quási desnacionalidade, mas a culpa não é nossa, mas sim dos que estão encarregados de tratar dos assuntos do teatro da cidade. E' por isso que apelo para êles e lhes lembro que nós também somos gente e que merecemos, de vez enquanto, um sacrifício, mesmo que os *fundos* fiquem um pouco desiquilibrados...

Um abraço da

Zèmi

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no domingo, o sr. Américo Carvalho da Silva; hoje, fá-los, a sr.ª D. Maria de Lourdes Jubero Belo, filha do sr. João Belo, da importante firma Belo & Morais; àmanhã, as sr.as D. Maria Trancoso Magalhães e D. Felicidade Paulos Alves, esposa do sr. Arnaldo Alves dos Santos, de Coimbra; no dia 21, a sr.ª D. Maria Bárbara Correia Nóbrega e Sousa, esposa do sr. Agostinho de Sousa, professor de Ensino Técnico na capital; os srs. Aurélio Costa e Laurélio Guimarãis, empregado na Agência do Banco de Portugal, e o menino Eduardo Andias Meireles, filho do sr. Hermenigildo Meireles; em 23, as sr.as D. Maria Helena Ferreira Henriques e D. Adozinda Cevada de Menezes, esposas, respectivamente, dos srs. dr. Joaquim Henriques, hábil clínico local, e Abílio Menezes, guarda-livros no Porto, e D. Fernanda Pires Afreixo, professora oficial e filha do comerciante sr. José Maria da Graça Afreixo; em 24, o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu José Estêvão, e a sr.ª D. Berta Ferreira da Cunha Pereira, esposa do sr. António Marques Pereira, tesoureiro da filial do Banco N. Ultramarino de Viana do Castelo, e em 25, as sr.as D. Rosalina da Conceição Neto, esposa do sr. Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara Municipal e D. Natália Faias Garcia Couceiro, esposa do sr. Eugénio Couceiro, residente em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); a menina Natália de Oliveira Lemos, filha do sr. Abel de Lemos, ausente em Cassequel (Angola) e os nossos amigos dr. Abílio Justiça, distinto oftalmista em Coimbra e dr. Mário Faria Duarte, consul do nosso país em Berlim (Alemanha).

Casamentos

Em Ovar efectuou-se ante-ontem o casamento, por procuração, do sr. Camilo Tomaz Marques da Silva Vieira, filho da sr.ª D. Ana Marques da Silva Vieira e do nosso amigo Joaquim António Vieira, empregado na filial do Banco N. Ultramarino desta cidade, com miss Maria Brigida de Pinho, que da América do Norte, onde nascera e se encontra com seus pais o sr. Manuel Eusébio de Pinho e esposa a sr.ª D. Maria Apolónia da Ascenção Carvalho de Pinho, deve, em breve, regressar a Portugal.

A noiva, que já aqui residiu, achava-se representada pela sr.ª D. Maria do Carmo da Silva, avó do noivo, residente no Porto, tendo o acto, que foi testemunhado pelos srs. Luís Machado Cadillon e António dos Santos Coelho, decorrido com a maior simplicidade.

Ao novo lar desejamos um futuro venturoso.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. dr. José Maria da Silva, residente no Porto; João Simões Ferreira, escrivão de Direito em Vagos; Manuel Dias dos Santos, de Requeixo; Diamantino Simões Jorge, da Taipa; dr. Diniz Severo, médico em Eixo e António Alves Videira, de Cabanas de Viriato.

Doentes

Tendo-se agravado, a semana passada, os seus padecimentos, recolheu à cama o sr. dr. Lourenço Peixinho, antigo presidente da Câmara e provedor da Santa Casa da Misericórdia.

As melhoras do prestimoso aveirense acentuaram-se, porém, nos últimos dias, o que registamos com satisfação.

— Também não tem passado bem de saúde o sr. João Vieira da Cunha, proprietário da Livraria Universal.

Fazemos votos pelo seu restabelecimento.

— Em Ovar encontra-se bastante doente o nosso conterrâneo Ricardo Mieiro, sócio-gerente da Fábrica de Moagem daquela vila.

Desejamos-lhe as melhoras.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DA INHABILIDADE

Sede social: Rua do Carvalho, 71-1.º

LISBOA

CONVITE

A Comissão Administrativa da ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS NA INHABILIDADE tem a honra de convidar os seus consócios, residentes nesta cidade, e o público em geral, para assistirem à conferência que o ilustre advogado, sr. dr. António Cristo, realizará no próximo dia 22 do corrente, pelas 21,30 horas, no salão nobre do Sport Club Beira-Mar, gentilmente cedido para êsse efeito, sob o tema Mutualismo, incluida no programa das comemorações do 70.º aniversário da nossa instituïção.

A entrada será livre.

Tragédia no mar

Devido ao temporal que se desencadeou no Tejo quando, no domingo, o paquete *Lima* levantava ferro para seguir com destino aos Açores, perderam a vida por terem sido apanhados de surpreza por enormes vagas, o furriel Manuel Rodrigues Craveiro e o capitão da Administração Militar, Raúl dos Santos Correia Diniz, que do Pôrto fôra transferido para aquele arquipélago.

O desventurado oficial, que fez serviço no extinto Regimento de Infantaria 24, aquartelado nesta cidade, foi combatente da Grande Guerra, pertencendo, nessa altura, à brava classe dos sargentos.

A tragédia, como é de calcular, emocionou profundamente a tripulação e os passageiros do barco, pois além das duas mortes registaram-se ferimentos noutras pessoas, devidos em parte, ao pânico que se estabeleceu a bordo.

Simplesmente lamentável.

Á MARGEM DA GUERRA

UM PODEROSO GUINDASTE TRANSPORTA UMA COURAÇA PARA PROTEGER AS METRALHADORAS QUE SERÃO COLOCADAS NO CONVÉS DO NAVIO MERCANTE

Carta de Lisboa

Jornadas Agronómicas

Ao encerrar, há pouco, as Jornadas Agronómicas cuja importância e oportunidade já aqui puzemos em relêvo, o sr. Ministro da Economia acentuou que, «neste momento tinha o dever de, mais uma vez, chamar a atenção dos lavradores e dos técnicos para a necessidade premente de elevar a produção ao nível das exigências do consumo.

Palavras que encerram em si o melhor e mais completo programa, elas constituem, também, um apêlo a que ninguém deve fazer ouvidos surdos. Todos nós, sem distinção de classe ou de posições, nos temos de lançar cada dia com maior e mais decidida energia a realizar, na medida das nossas fôrças, a campanha que o Govêrno tão bem sintetizou no lema —*produzir e poupar*.

Só atravez um esfôrço formidável nós seremos capazes de criar as condições necessárias para enfrentar as múltiplas e infelizmente sempre crescentes dificuldades provindas dos vários fenómenos provocados pela guerra.

Nova ofensiva

De quando em vez verifica-se em matéria de boatos uma nova ofensiva cujos fins e intúitos nunca é difícil achar.

Por vezes as ofensivas de aspecto inocente, mas no fundo o mais subversivas possível, conjugam-se com outras que noutros sítios deflagram, denunciando a mesma origem.

Acertadamente o *Diário da Manhã*, referindo-se à boataria que por aí campeia, sublinhava:

> Nunca foi tão intensa e extensa a sementeira de boatos como nestes infelizes e conturbados tempos de guerra. E não só entre nós, porque a vemos também noutros países, como, por exemplo, na América do Norte, onde já se levantam vozes oficiais a condená-la.
>
> E' claro que cada país tem a sua especialidade de boatos; no entanto, nota-se em todos marcadas afinidades de causa e efeito e de métodos de divulgação, e, às vezes, uma simultaneidade de eclosão no espaço e no tempo, muito significativa e comprometedora. Quanto a nós, temos tôdas as razões para afirmar que não há só manifestações de indisciplina social comandadas, há também ondas de boatos comandadas.

No entanto, perante estas ofensivas o nosso caminho deve ser única e exclusivamente um: reagirmos o melhor que pudermos e soubermos contra as arremetidas que têm o seu principal fito no ataque mais ou menos directo à ordem estabelecida.

Ao ouvirmos os boateiros nós podemos pensar na verdade daquele velho rifão português que diz que *pelo rodar da carruagem logo se conhece quem vem dentro*...

Defendendo os trabalhadores

O Governo resolveu abonar pelo Comissariado do Desemprêgo a quantia de seis mil contos e fornecer também algumas matérias primas de modo que o maior número possível de taxis possa adquirir aparelhos de gasogénio e, portanto, circular.

Dêste modo se resolve não apenas o complicado problema dos transportes, como também se atende à situação dos motoristas e empregados de garage ora a braços com uma crise difícil.

É assim que em todos os aspectos e em todos os momentos de crise o Estado Novo pretende atender à situação dos trabalhadores.

CORDEIRO GOMES

Secção Desportiva

Foot-ball

Beira-Mar—Sporting

Está marcado para ámanhã, no Estádio Mário Duarte, mais um desafio de campeonato, sendo adversários o *Beira-Mar* e o *Sporting*, de Espinho.

Consoadas

A Casa do Povo de Aradas, recentemente criada, não se encontrando presentemente em condições de garantir a concessão regular de pensões de invalidez aos seus sócios efectivos, resolveu, no entanto, distribuir algum auxílio aos mais necessitados por ocasião da festa do Natal, tendo, para isso, pedido o auxílio de várias individualidades por meio de circulares.

Oxalá consiga o seu intento.

* * *

A Direcção de Estradas, a exemplo do que já tem feito em anos anteriores, vai também distribuir pelos cantoneiros ao seu serviço, mais necessitados, e respectivas famílias, peças de vestuário e alguns géneros alimentícios pelo que é digna de louvores.

Dois casos

Numa tarde desta semana introduziu-se na residência do sr. Vigário de Arada um rapaz novo, que, adormecendo debaixo duma cama, se poz a ressonar. Persentido e dado o alarme, foi prêso e entregue à polícia, que trata de averiguar a identidade do cavalheiro, visto não ser conhecido naquelas paragens nem nas mais próximas.

Outro caso: também numa coelheira próxima, apareceram, em certa manhã, seis coelhos em vez de quatro, que lá tinham ficado na véspera.

Verifica-se, por aqui, a infelicidade do que não seguem a divisa do Grandela—*sempre por bom caminho*...

Agradecimento

A família do falecido Carlos Rebelo Júnior, na impossibilidade de o fazer por outra forma, vem patentear o seu profundo reconhecimento às pessoas que acompanharam o extinto à última morada e bem assim às que lhe manifestaram o seu pesar.

Aveiro, 16 de Dezembro de 1942.

Agradecimento

A família de Maria dos Prazeres dos Reis Gamelas da Naia vem por esta forma patentear o seu reconhecimento a tôdas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como a tôdas que por qualquer forma manifestaram o seu pesar.

Aveiro, 19 de Dezembro de 1942.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 20 de Dezembro de 1942 (ás 15,30 e 21 horas)
A deliciosa comédia musical
A Hora da Felicidade

Terça-feira, 22 (às 21 horas)
A Lenda da Raposa Vermelha

Sexta-feira, 25 (dia de Natal) às 15,30 e 21 horas
Vôo de Águias
Magestoso e imponente espectáculo

BREVEMENTE:
O batalhão de Para-quedistas
Grande epopeia sôbre a mais arrojada das armas

Correspondências

Costa do Valado, 17

Esteve há dias nesta localidade de visita ao seu colega e amigo Ernesto Maia, o funcionário dos correios em Coimbra sr. Artur Sequeira.

—Chegou da África o nosso conterrâneo sr. José de Lemos, marido da professora da escola feminina desta localidade, sr.ª D. Idalinda Dias.

—Principiaram as novenas do Menino Jesus.

C.

Esgueira, 17

Vem aqui jogar, no próximo domingo, com o nosso grupo de *basket*, o *Aliança F. Club*, de Ovar, que goza de boa fama.

—As obras de restauração do Cruzeiro parece que nunca mais se concluem, o que tem dado lugar a reparos.

C.

Câmara Municipal de Aveiro

CONCURSOS

Exploração Sonora e Pavilhão de Festas na Feira de Março de 1943

Doutor Francisco António Soares, Presidente da Câmara Municipal do concelho de Aveiro:

Faço saber que se encontra aberto concurso para a adjudicação da exploração do serviço sonoro e Pavilhão de Festas durante a próxima Feira de Março, por espaço de vinte dias, a contar da publicação do presente num dos jornais desta cidade, cujas condições podem ser examinadas em todos os dias úteis das 11 às 17 horas, na Secretaria desta Câmara Municipal.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

Aveiro e Paços do Concelho, 10 de Dezembro de 1942. E eu, Cipriano António Ferreira Neto, Chefe da Secretaria, o subscrevo.

O Presidente da Câmara
as) *Francisco António Soares*

Comarca de Aveiro

Divórcio

Para os devidos efeitos se anuncia que, por sentença que transitou em julgado, foi decretado definitivamente o divórcio entre os conjuges Manuel Marques Abranches e Maria da Natividade Ferreira, ambos de Aveiro, cuja sentença tem a data de 25 de Novembro de 1942.

Aveiro, 27 de Novembro de 1942.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 2.ª Vara,
A. Fontes

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara,
João António de Morais Sarmento

NECROLOGIA

Terminou, domingo ao meio dia, a sua existência, Fernando Dias Simão, que agora contava 18 anos e que em criança fôra acometido de doença grave.

Era filho do notário sr. dr. Adelino Simão e no seu entêrro, realizado no dia seguinte para o cemitério central, incorporaram-se numerosas pessoas. Organizaram-se dois turnos, da chave da urna foi portador o sr. Lúcio Pais Monteiro, tio do extinto, e os *bouquets* eram conduzidos por pessoas íntimas e de família.

As nossas condolências.

* * *

Em Lisboa, uma congestão cerebral roubou a vida ao estudante de engenharia Duarte Augusto da Cunha Miranda quando, no domingo, tomava banho na sua residência.

O inditoso moço, que freqüentou o liceu desta cidade, onde era geralmente estimado, contava 21 anos, apenas, e era filho da sr.ª D. Adília da Cunha Miranda, que há pouco mais de cinco meses sofrera rude golpe com a morte, também repentina, de seu marido, o nosso malogrado amigo dr. Hernani de Miranda, advogado e notário em Albergaria-a-Velha.

Acompanhamo-la na sua dôr.

* * *

No Porto, onde se encontrava em tratamento, devido ao seu precário estado de saúde, finou-se na madrugada de terça-feira o nosso conterrâneo João da Rocha Trindade, filho do industrial sr. Artur Trindade, da *Garage Avenida*, onde também exercia a sua actividade.

Contava 37 anos, era casado com uma filha do falecido Tomaz Vicente Ferreira, de quem não deixa descendentes, e irmão da sr.ª D. Virgínia Trindade Salgueiro, viuva do sr. António Salgueiro.

O seu cadáver veio para esta cidade, onde no dia seguinte se realizou o funeral, que saiu da igreja da Misericórdia para o cemitério central, com numeroso acompanhamento, levando a chave da urna o sr. Francisco Pereira Lopes.

Aos doridos, mas em especial ao sr. Artur Trindade, aqui deixamos exarado o nosso sentimento.

* * *

Naquela cidade também se finou em idade avançada, a veneranda mãe do sr. dr. Luís Tavares de Lima professor do Liceu Rodrigues de Freitas e que durante alguns anos pertenceu ao corpo docente do nosso primeiro estabelecimento de ensino.

Endereçamos-lhe os nossos pêsames.

Visitai o Parque da Cidade

Comarca de Aveiro

—o—

Éditos de 30 dias

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da 2.ª Vara da comarca de Aveiro, primeira acção, correm seus termos uns autos de acção de divórcio em que é autora Amélia de Oliveira e Silva, doméstica, do lugar e freguesia de Requeixo, desta comarca, e reu seu marido José Augusto Dias Ferreira, que também usa o nome de José Augusto Dias, jornaleiro, que teve o seu último domicílio no referido lugar e freguesia, mas actualmente ausente em parte incerta da República do Brasil, nos quais a mèsma autora alega o seguinte:—Que o seu casamento com o reu se celebrou em 8 de Setembro de 1928 do qual veio uma filha de nome Izilda Ferreira da Silva; que mais ou menos dois meses depois se ausentou para o Brasil, tendo até 24 de Julho de 1936 dado notícia e escrevendo à autora mas, de então para cá, não voltou a saber dêle, supondo mesmo que tivesse morrido pois nada tinha havido entre êles que os incompatibilizasse; mas assim não foi porque o réu, tendo-se amantizado em Porto-Alegre daquela República do Brasil, para onde se dirigiu com uma mulher casada que raptara, brasileira, soube que dessa ligação ou de outra havia uma filha; que hoje nenhuma notícia há da sua residência, tendo também como fundamento do divórcio, por adultério; e que êste deve decretar-se para depois no Tribunal competente se resolver sôbre a filha comum e sobre alimentos.

E nos referidos autos correm éditos de 30 dias a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando o dito reu José Augusto Dias Ferreira, que também usa o nome de José Augusto Dias, para, no praso de 20 dias, posterior ao praso dos éditos, contestar, querendo, a mencionada acção.

Aveiro, 2 de Dezembro de 1942

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção, 2.ª Vara

António Augusto dos Santos Vitor